

AVANÇO DA PESQUISA DE TIROTEIO EM MASSA PARA INFORMAR A PRÁTICA

As conclusões do NIJ apontam para a adoção de definições uniformes e bases de dados abrangentes como próximos passos para melhorar a pesquisa e a prática para prevenir tiroteios em massa.

Basia E. Lopez, Danielle M. Crimmins e Paul A. Haskins¹

Poucos acontecimentos na vida americana evocam reações mais fortes em toda a sociedade quanto os tiroteios em massa. Fazem parte do fenômeno mais amplo da violência em massa que inclui, por exemplo, ataques terroristas e acontecimentos relacionados com a guerra. Mas os tiroteios em massa distinguem-se dessas categorias de violência em massa na medida em que o seu motivo subjacente por vezes parece ser desconhecido. Normalmente, os tiroteios em massa ocorrem em locais públicos, com um único atirador e a maioria das vítimas são mortas ou feridas indiscriminadamente.¹

Dado que os tiroteios em massa têm um impacto grave nas vítimas e na sociedade, são uma prioridade da justiça criminal nacional. À medida em que a frequência dos tiroteios em massa aumentou nos últimos anos, as autoridades policiais e os pesquisadores intensificaram os seus esforços para compreender e prevenir esta forma de violência armada.² Mas os seus esforços estão a ser travados por duas deficiências sistêmicas: (1) a ausência de uma definição uniforme de tiroteios em massa e conceitos relacionados, e (2) a ausência de bancos de dados consistentes que reúnam, classifiquem e compartilhem fatos essenciais sobre tentativas e incidentes de tiroteios em massa perpetrados.

Num esforço para melhorar a compreensão dos tiroteios em massa, os cientistas do Instituto Nacional de Justiça (*National Institute of Justice* – NIJ) realizaram uma revisão sistemática da literatura para identificar o estado atual do conhecimento adequado para utilização na prevenção desses incidentes. Eles descobriram aparentes inconsistências nas definições dos pesquisadores sobre incidentes com tiroteios em massa. Além disso, descobriram que as análises que apoiam as definições baseiam-se frequentemente em dados de fonte aberta que não são fiáveis, são inconsistentes ou ambos.³ Essas inconsistências podem levar a resultados mistos — ou mesmo contraditórios, sugerindo a necessidade de alinhar dados e definições de uma forma abordagem mais unificada e coerente.

O NIJ também reuniu importantes pesquisadores e policiais para obter informações adicionais sobre os desafios que cercam os estudos de tiroteios em massa e estratégias de prevenção. Os especialistas ofereceram recomendações sobre como a área deveria avançar para progredir tanto na pesquisa quanto na prevenção de tiroteios em massa. Todos esses *insights* ajudarão a orientar a liderança do NIJ na pesquisa de tiroteios em massa e no gerenciamento de dados no futuro, como elementos-chave de seu papel mais amplo no direcionamento do investimento científico para enfrentar o crime violento e informar os esforços de prevenção.

¹ Basia E. Lopez, M.P.A., C.C.I.A., é analista de ciências sociais do NIJ. Danielle M. Crimmins, M.S., é assistente de pesquisa de pós-graduação no NIJ. Paul A. Haskins é escritor de ciências sociais e contratado da Leidos.

A grande variabilidade nas definições de tiroteios em massa lança sérias dúvidas sobre a capacidade do campo de capturar com precisão todos os casos e analisar tendências

Inconsistências nas definições

Para compreender melhor o estado do conhecimento e identificar lacunas na pesquisa sobre tiroteios em massa, os cientistas do NIJ reviram sistematicamente a literatura de 1997 a 2016.⁴ A sua análise abrangeu 44 estudos sobre tiroteios em massa. Os resultados revelaram consistências e inconsistências na literatura. Coletivamente, os estudos produziram uma série de *insights* de grande utilidade sobre as características dos atiradores, escolha de alvos, armas e outras variáveis. Geralmente, porém, os estudos têm sido dificultados pela falta de acordo sobre as definições de termos críticos, como “tiroteios em massa” e “assassinatos em massa”, e pela ausência de fontes consistentes de dados sobre tiroteios em massa.

A literatura não define “tiroteio em massa” de forma consistente, ou mesmo em contextos semelhantes. O código penal federal carece de um crime distinto de tiroteio em massa; isto pode ajudar a explicar porque é que os pesquisadores utilizam diferentes terminologias, ou tipos de infrações penais, nas suas análises do mesmo fenômeno.⁵

Entre os 44 estudos analisados, a definição mais comum de tiroteio em massa é um incidente em que quatro ou mais vítimas são mortas com arma de fogo em local público (48%). Vários estudos definiram o crime como um evento durante o qual apenas duas (5%) ou três (9%) vítimas são mortas, enquanto mais de um terço dos estudos definiram de forma mais ampla o termo como um incidente em que múltiplas vítimas são mortas (38%). Outros definiram um incidente de tiroteio em massa como tendo um mínimo de cinco vítimas ou não especificaram um limite de vítimas.

As definições nos estudos analisados incluem incidentes que ocorrem em espaços acessíveis ao público, como escolas, locais de trabalho, igrejas e empresas. Os incidentes também são definidos como um evento único e contínuo dentro de um curto período de tempo, mas o período de tempo específico pode variar. As definições excluem frequentemente atos terroristas com motivação ideológica, bem como incidentes com gangues, drogas e outros tiroteios que resultaram principalmente da prática de outros crimes, tais como roubo qualificado, homicídios e violência doméstica. Alguns desses estudos, no entanto, não especificam se certos tipos de crimes foram excluídos da definição.

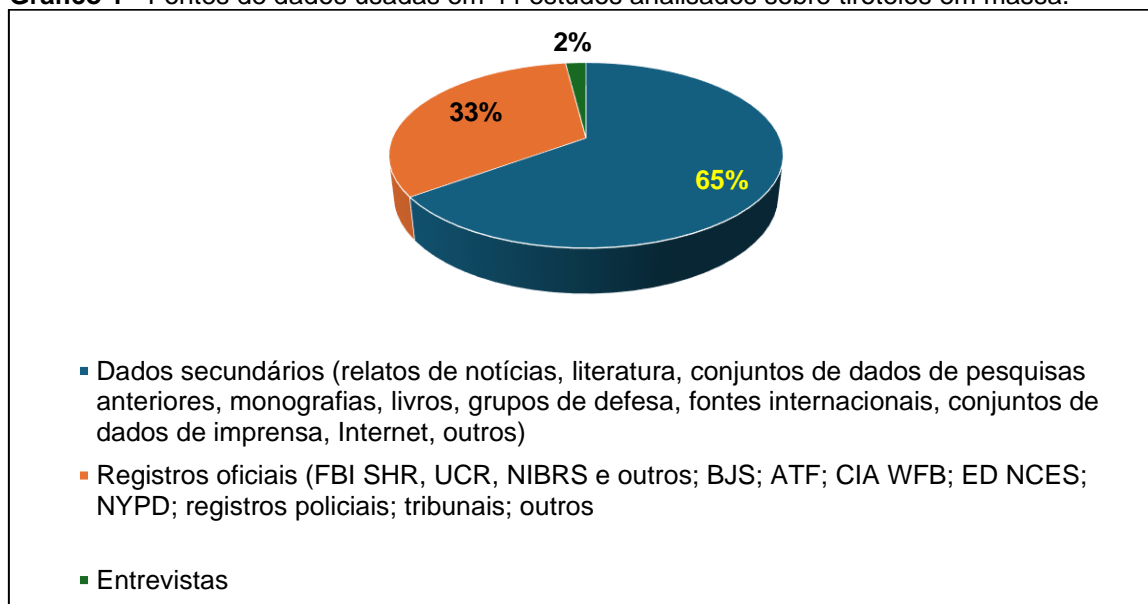
Esta falta de consistência na definição de eventos de tiroteios em massa reflete-se em resultados contraditórios em vários estudos. As diferenças observadas parecem contribuir para conclusões variadas sobre a média de idade, os motivos, a personalidade, a tendência suicida e a seleção do alvo dos criminosos (ou seja, vítima, ou vítimas, e local). Outras diferenças notáveis nas conclusões estão relacionadas com a escolha das armas de fogo, bem como com a possível influência da cobertura midiática sobre os tiroteios em massa e os seus perpetradores. É importante ressaltar que a grande variabilidade nas definições de tiroteios em massa – em termos do número mínimo exigido de indivíduos baleados e mortos – levanta sérias dúvidas sobre a capacidade do campo de capturar com precisão todos os casos e analisar tendências.

Acesso limitado a bancos de dados consistentes

Para agravar o problema está a falta de fontes de dados uniformes e confiáveis. A literatura revisada utilizou 10 tipos de fontes de dados, e a maioria dos estudos utilizou mais de um tipo de fonte de dados. Das 122 fontes de dados distintas utilizadas nos 44 estudos, 65% vieram de dados secundários de fontes abertas. Os dados das fontes abertas referem-se à informações publicamente disponíveis e acessíveis, tais como bases de dados, notícias e meios de comunicação social ou outras fontes amplamente disponíveis. Desses, 33% vieram de registos oficiais que são, na sua maioria, acessíveis ao público, e 2% vieram de entrevistas com criminosos (ver gráfico 1).

É evidente que não existe uma fonte única e primária de dados utilizada nas pesquisas sobre tiroteios em massa. Alguns dos registos oficiais, como os Relatórios Uniformes de Crimes do FBI, os Relatórios Suplementares de Homicídios e o Sistema Nacional de Notificação Baseado em Incidentes, baseiam-se frequentemente em fichamentos de casos desenvolvidos para efeitos de investigação e acusação. Muitas vezes, porém, carecem de informações sobre uma ampla gama de variáveis que poderiam promover a pesquisa em prevenção. Tais limitações muitas vezes levam os pesquisadores a complementar os dados com informações de fontes abertas ou a confiar apenas em dados secundários. Além disso, mesmo que esses relatórios oficiais padrão fossem factualmente ricos e completos, é altamente improvável que fossem capazes de abordar muitas das questões que são relevantes para informar as práticas em torno da prevenção da violência em massa. Por exemplo, geralmente não incluem dados sobre o que o atirador fez para se preparar para o tiroteio, se o atirador expressou algum tipo de queixa ou se o atirador tinha um histórico de problemas de saúde mental ou sofreu uma perda recente.

Gráfico 1 - Fontes de dados usadas em 44 estudos analisados sobre tiroteios em massa.



Nota: As siglas usadas nos registos oficiais são Federal Bureau of Investigation (FBI); Relatórios Suplementares de Homicídios (SHR); Relatórios Uniformes de Crimes (UCR); Sistema Nacional de Notificação Baseada em Incidentes (NIBRS); Gabinete de Estatísticas da Justiça (BJS); Departamento de Álcool, Tabaco, Armas de Fogo e Explosivos (ATF); Agência Central de Inteligência (CIA); Livro de Fatos Mundiais (WFB); Departamento de Educação dos EUA (ED); Centro Nacional de Estatísticas da Educação (NCES); e Departamento de Polícia de Nova York (NYPD).

As limitações factuais dos relatórios oficiais complicam a tarefa de avaliar a fiabilidade das fontes, levantando questões como a forma como cada fonte de dados define o fenómeno, que informações específicas a fonte fornece e — no caso de bases de dados — qual é o prazo para incluir eventos. Tal como acontece com as inconsistências na definição de tiroteios em massa em termos do número de vítimas mortas, a utilização de diferentes fontes de dados ofusca as tendências e o impacto das políticas. Isto não quer dizer que nenhum estudo tenha produzido resultados e recomendações valiosos. Mas sem uma análise minuciosa do desenho da pesquisa por um olhar treinado, os usuários finais dela, tais como os decisores políticos e os profissionais, podem chegar a conclusões erradas e que podem produzir mais danos do que benefícios.

Há uma série de esforços contínuos por parte de pesquisadores e do governo federal para construir ou aprimorar bancos de dados de tiroteios em massa. No entanto, a comunidade de pesquisadores deve identificar os desafios nesta linha de investigação e determinar um conjunto de características que tornariam qualquer base de dados sobre tiroteios em massa mais fiável e útil na informação da prevenção.

Atendendo aos especialistas

No segundo semestre de 2018, o NIJ realizou discussões dirigidas com grupos de especialistas no assunto, formados por policiais e acadêmicos, como parte da sua iniciativa para avaliar as pesquisas existentes sobre tiroteios em massa e avaliar as suas deficiências. Os *insights* obtidos nessas sessões podem informar e refinar a pesquisa no futuro.

Os objetivos principais eram:

- Avaliar a necessidade de definições uniformes no recolhimento e análise de dados de tiroteios em massa.
- Discutir os benefícios de estabelecer técnicas de coleta de dados para catalogar consistentemente todas as informações pertinentes sobre tiroteios em massa.

Os policiais debatedores (profissionais) eram membros atuais e veteranos de agências policiais federais e locais. Os pesquisadores debatedores (pesquisadores) eram uma coleção multidisciplinar de cientistas de várias universidades dos EUA.

Pontos de amplo acordo

Os profissionais e pesquisadores concordaram com certas necessidades distintas de pesquisa e prática. Por exemplo, chegaram a um acordo geral de que uma definição universal de tiroteios em massa não resolveria todos os problemas de ambiguidade, mas seria um primeiro passo importante. Uma definição comum de tiroteio em massa deve ser ampla, mas não vinculada a qualquer número mínimo fixo de vítimas (por exemplo, uma regra segundo a qual um tiroteio em massa significa o assassinato, por arma de fogo, de quatro ou mais pessoas). Alguns exemplos de comentários relevantes dos debatedores incluem:

- Pesquisador: “O número de pessoas mortas pode ser casual. ... Se você se concentrar demais em [um] resultado casual, as coisas podem se perder. Parece arbitrário dizer no mínimo três, quatro ou cinco vítimas. Isso parece estar faltando ao panorama geral.”

Profissional: “Esse número [quatro] parece arbitrário. Deveria ter menos a ver com eficiência, [ou seja, com o] número de pessoas na sala, etc., do que com a intenção do criminoso.”

- Profissional: “Você tem que incluir lesões não fatais. Todos pretendem matar, mas se forem péssimos atiradores, você ainda terá a mesma dinâmica e personalidade – eles simplesmente não sabiam como operar a arma.”

Concordaram também que um tiroteio em massa é um incidente em que existe uma evidente intenção premeditada de disparar para matar, independentemente do número real de mortos ou feridos.

- Pesquisador: “Mas com a definição, penso que podemos discernir que o que estamos a tentar chegar é este evento com esta pessoa que teve a intenção de matar um grande número de pessoas.”

- Profissional: “Acho que os números são arbitrários e não importam. Se a intenção era matar um monte de gente, não importa. Seria contraproducente para a prevenção excluí-los.”

- Profissional: “Então, chegamos à intenção do indivíduo quando ele chegou ao incidente. Se eles [pretendiam prejudicar muitas pessoas], está dentro; se não, está fora. A realidade é que se incluirmos casos com apenas duas ou mais vítimas, o criminoso nesses casos pode ter tentado matar mais, mas não o fez”.

Pontos de diferença

Em outras questões, houve divergência notável entre profissionais e pesquisadores. Por um lado, os profissionais tendem a favorecer a confiança em dados e fontes de dados que sejam objetivas e verificáveis, enquanto os pesquisadores tendem a ser mais receptivos a fontes abertas, bem como a dados mais subjetivos relacionados, por exemplo, com fatores de saúde. Os principais exemplos de onde profissionais e pesquisadores divergiram incluem fontes de dados desejadas para tiroteios em massa e o intervalo de tempo para inclusão de um incidente.

É importante observar que diferentes fontes de dados são projetadas para finalidades diferentes. As fontes de dados oficiais são frequentemente desenvolvidas para investigações e ações penais. Tais fontes têm grande valor para responder a algumas questões de pesquisa, mas podem não responder de tudo a outras. As fontes oficiais tendem a concentrar-se em fatores proximais relacionados com o crime (por exemplo, hora, local, forma, dados demográficos e outras informações que descrevem o ato criminoso e o perpetrador). Por outro lado, é mais provável que os relatos dos meios de comunicação social (um exemplo de fonte aberta) recuem mais no tempo e analisem de forma mais ampla outros possíveis fatores que influenciaram o criminoso. Ou seja, podem incluir informações que estão ausentes das fontes oficiais, mas que são valiosas para fins de prevenção. Ao mesmo tempo, em comparação com os registos oficiais, as fontes dos meios de comunicação social podem ser mais influenciadas por julgamentos e erros subjetivos.

Os pesquisadores tendem a apoiar uma abordagem de pesquisa que inclua dados de fonte aberta, tais como contas de meios de comunicação social. Vários pesquisadores afirmaram que, devido à falta de acesso aos registos oficiais e aos dados sensíveis, muitas vezes dependiam de fontes abertas para preencher as lacunas e triangular os dados. Note-se que, se pudessem escolher, estes

pesquisadores afirmaram que prefeririam utilizar fontes de dados oficiais. Mas também reconhecem o valor da triangulação de informações provenientes de vários tipos de fontes de dados para fins de investigação.

Os profissionais tendiam a opor-se fortemente a uma abordagem em fonte aberta e à confiança nos relatos dos meios de comunicação social. Vários profissionais afirmaram que, na sua opinião, os relatos dos meios de comunicação social não são em grande parte fiáveis como fontes primárias de dados sobre tiroteios em massa.

A acentuada divergência de pontos de vista entre pesquisadores e profissionais sobre as preferências das fontes de dados pode refletir a natureza distinta das respetivas profissões. Os policiais estão habituados a utilizar dados oficiais e o seu interesse em determinar a responsabilidade e a culpabilidade por atos criminosos é muitas vezes melhor servido por dados atribuíveis a fontes oficiais. Os pesquisadores tendem a procurar respostas para uma gama mais ampla de questões, exigindo fontes de dados mais amplas.

Alguns pesquisadores e um profissional a nível local afirmaram valorizar a recolha de dados retrospectivos (por exemplo, dos 50 anos anteriores) sobre incidentes qualificados que não foram provenientes de reportagens dos meios de comunicação social. Enfatizaram também a importância de recolher prospectivamente o mesmo tipo de dados. Alguns policiais, por outro lado, recomendaram que se concentrasse nos dados a partir de 2000, dado o acesso limitado à informação antes da implementação da tecnologia da *Internet*.

Recomendações para pesquisas futuras

O objetivo principal dos grupos de discussão de especialistas convocados pelo NIJ era produzir orientações sobre o desenvolvimento de estudos adicionais sobre tiroteios em massa para melhorar a prevenção. Pesquisadores e policiais manifestaram apoio a uma série de recomendações:

- Estabelecer parcerias com agências policiais (locais e federais) e associações para melhor acesso aos dados oficiais sobre tiroteios em massa através de fontes que incluem entrevistas com prisioneiros, investigações policiais e mineração de informações sobre incidentes de tiroteios com múltiplas vítimas que não foram abordados em profundidade pela mídia.
- Examinar os dados sobre ataques evitados.
- Comparar os tiroteios em massa com outras formas de violência em massa.
- Ajudar a identificar e desnudar conceitos errados com provas científicas (por exemplo, escolha de armas, saúde mental, motivação, planejamento e preparação).
- Estimar os custos dos tiroteios em massa e o impacto das vítimas ao longo do tempo.
- Desenvolver diretrizes e recursos para identificar e gerenciar pessoas preocupantes.
- Criar um modelo analítico que permita aos pesquisadores participarem na análise preditiva de tiroteios em massa. O modelo seria baseado na hora (incluindo data), local e *modus operandi* dos eventos de tiroteio em massa estudados.
- Criar modelos para troca de informações entre colaboradores locais e federais.

Seguindo em frente

A análise da literatura sobre tiroteios em massa do NIJ e o envolvimento estruturado de especialistas apontam para a conveniência de certos itens de ação importantes para a pesquisa sobre tiroteios em massa e a prática policial. Em primeiro lugar, parece haver um sentimento generalizado a favor do afastamento de um sistema baseado em números de definição rígida de tiroteios em massa e fenômenos relacionados, e no sentido de uma definição mais flexível dos tiroteios em massa. Um incidente não deve ser totalmente omitido de um conjunto de dados de tiroteio em massa onde, por exemplo, um atirador com intenção evidente de matar várias pessoas abre fogo em um parque onde estão presentes 10 pessoas, resultando em vários ferimentos por arma de fogo, mas três ou menos mortes.

A polícia deveria ter um papel mais ativo no estudo dos tiroteios em massa e na tradução da pesquisa em prática - por exemplo, desenvolvendo métodos e dicas de detecção, educando e treinando a população, conselheiros escolares e outros. Para além de um papel ampliado de pesquisa, os policiais continuarão a ser a última e crucial barreira entre os potenciais atiradores e as suas vítimas pretendidas. A polícia deve melhorar a sua capacidade de detectar e interceptar atiradores em massa e treinar os membros do público para detectar e comunicar quaisquer sinais de alerta de potenciais atiradores nas suas comunidades, se quisermos reduzir a ameaça à sociedade.

Devem ser desenvolvidos critérios para facilitar a adoção de definições e características de dados uniformes em todas as bases de dados. O NIJ reconhece que a catalogação uniforme e consistente de tiroteios em massa passados, concebida para apoiar a futura entrada de dados, é um primeiro passo essencial no avanço dos esforços de investigação e prevenção. Além disso, o NIJ espera recolher conhecimentos de campos análogos que estudam incidentes raros (por exemplo, terrorismo) para replicar e melhorar os métodos de recolha de dados estabelecidos e a sustentabilidade.

A preparação para tiroteios em massa – fenômenos sociais profundamente traumatizantes, tão elusivos quanto perturbadores – exigirá um esforço cada vez mais concentrado e coordenado por parte das comunidades de pesquisa e prática à medida que avançamos.

Notas

1- William J. Krouse and Daniel J. Richardson, “Mass Murder with Firearms: Incidents and Victims, 1999-2013,” *Congressional Research Service*, July 30, 2015.

2- J. Pete Blair and Katherine W. Schweit, *A Study of Active Shooter Incidents in the United States Between 2000 and 2013*, Washington, DC: Texas State University and Federal Bureau of Investigation, 2014, <https://www.fbi.gov/file-repository/active-shooter-study-2000-2013-1.pdf/view>; Federal Bureau of Investigation, *Active Shooter Incidents in the United States in 2016 and 2017*, Washington, DC: Advanced Law Enforcement Rapid Response Training (ALERRT) Center at Texas State University and Federal Bureau of Investigation, 2018; Federal Bureau of Investigation, *Active Shooter Incidents in the United States in 2018*, Washington, DC: ALERRT Center at Texas State University and Federal Bureau of Investigation, 2019, <https://www.fbi.gov/file-repository/active-shooter-incidents-in-the-us-2018-041019.pdf/view>; and Katherine W. Schweit, *Active Shooter Incidents in the United States in 2014 and 2015*, Washington, DC: Federal Bureau of Investigation, 2016,

https://www.fbi.gov/file-repository/activeshooterincidentsus_2014-2015.pdf/view.

3- Lin Huff-Corzine et al., “Shooting for Accuracy: Comparing Data Sources on Mass Murder,” *Homicide Studies* 18 no. 1 (2014): 105-124, doi:10.1177/1088767913512205.

4- Uma síntese da literatura publicada até 2016 foi concluída em preparação para as reuniões temáticas com especialistas descritas neste artigo. Antes da publicação deste artigo, a equipe científica do NIJ revisou estudos subsequentes de tiroteios em massa publicados de 2017 a julho de 2019 e não encontrou discrepâncias com pesquisas anteriores no que diz respeito às questões de definição e relacionadas ao banco de dados.

5- Em 14 de janeiro de 2013, o 112º Congresso alterou a Lei de Assistência Investigativa para Crimes Violentos de 2012, Lei 112-265, para definir o termo “assassinatos em massa” como três ou mais assassinatos em um único incidente, e o termo “local de uso público” conforme definido na Seção 2332f (e) (6) do Título 18, Código dos Estados Unidos. A lei não especifica a arma utilizada, nem contabiliza as vítimas feridas.

Fonte: Advancing Mass Shooting Research To Inform Practice. Traduzido por Onivan Elias de Oliveira – Cel QORR PMPB.